

## Editorial

"O partidário da ética da responsabilidade, [...] contará com as fraquezas comuns dos homens (pois, como dizia muito precedentemente Fichte, não temos o direito de pressupor a bondade e a perfeição do homem) e entenderá que não pode lançar a ombros alheios as conseqüências previsíveis de suas próprias ações. Dirá, portanto, *"essas conseqüências são imputáveis à minha própria ação"*.

(Max Weber, **Ética da convicção e ética da responsabilidade**)"

### Irresponsabilidade pela omissão deliberada

O plágio é atualmente uma grande preocupação no chamado "mercado editorial científico". Os debates acerca desse fenômeno se dão em duas diferentes abordagens, porém complementares. Uma delas afirma que o número de casos de plágio "parece" ter aumentado, tanto em função das ferramentas mais eficientes que hoje dispomos para a sua detecção, como pela maior divulgação dos trabalhos científicos (Internet). A outra, assevera que tais atos seriam derivados de falhas, tanto dos professores, quanto dos critérios quantitativos que hoje caracterizam as avaliações dos pós-graduações e dos pesquisadores/cientistas.

Sobre o primeiro aspecto, concordamos, porque plágios não eram, infelizmente, raros, mesmo quando não havia a Internet. Não eram incomuns relatos de trabalhos copiados, de TCC's plagiados, do uso de dados de pesquisa sem autorização e até mesmo de teses e dissertações que nada mais eram do que meras traduções, tanto em instituições de ensino superior, como em centros de pesquisa. Eram eventos tristes e vergonhosos sussurrados nas mesas de café, nos corredores, ou em momentos informais de reuniões. Quanto ao segundo aspecto, temos nossas ressalvas, pois sabemos que alguns professores simplesmente não informam seus alunos sobre a gravidade em que consiste a prática do plágio, ou mesmo, da importância ética da honestidade científica, aspecto basilar em uma Academia.

No entanto, temos certeza, que a maioria esmagadora dos profissionais de Ensino/Pesquisa discorda, repudia e combate essa prática que poderíamos chamar de "irresponsabilidade pela omissão deliberada". Quanto aos alunos, convém a antiga, porém válida, máxima do Direito que afirma que "desconhecer uma regra não justifica o seu descumprimento". Aliás, é parte integrante do processo de formação de qualquer discente buscar instruir-se acerca das regras e fundamentos éticos essenciais para uma vivência acadêmica e científica.

E, como citamos as regras, analisemos os critérios quantitativos que atualmente temos nas avaliações de desempenho acadêmico/científico/profissional. Ou seja, os parâmetros que definem o bom, o aceitável e o insuficiente dentro da Academia. Normas que criam hierarquias de relevância científica e desempenho, e que determinam quais cientistas e quais instituições podem receber, tanto recursos, quanto reconhecimento.

Alunos – tanto da graduação, como da pós-graduação – são incentivados a publicarem seus trabalhos, assim como professores e pesquisadores. Nada mais justo, pois o resultado de qualquer atividade científica se materializa – em última instância – em uma publicação. São a socialização das informações, e os debates sobre os saberes, que geram uma Ciência atualizada, dinâmica, dialogada e democratizada. Sem isso, o que temos é Escolástica, isto é, a discussão sobre o pensamento pensado, e não sobre o pensamento pensante.

Mas, o que ocorre quando a quantidade se sobrepõe à qualidade? Quando uma das exigências, por exemplo, para se candidatar a um mestrado, é a simples submissão de um artigo? Ou, para a obtenção de um título de doutor, o aceite ou publicação de um trabalho em um periódico?

Vários efeitos perversos daí derivam. O primeiro deles é uma petição de princípio, dado que publicar é obrigação de qualquer pesquisador, e não uma exigência que deva ser feita. (Quem apenas deseja estudar, pode se fechar em sua sala e lá permanecer imune a críticas e avaliações. Será um estudioso, mas não um cientista). E, destarte considerações pertinentes acerca de prazos que devem ser obedecidos, devemos reconhecer que algumas pesquisas demandam mais tempo do que outras. Assim, arbitrar uma quantidade mínima a ser publicada em um dado período de tempo, beira o autoritarismo e, também, não deixa de ser um incentivo para o ato irresponsável de se submeter, ou publicar, dados incompletos ou reflexões inacabadas e prematuras. Fato que acaba por gerar debates inúteis acerca

de coisas ainda irrelevantes.

Em segundo lugar, vêm as múltiplas submissões. Ou seja, autores que submetem o mesmo trabalho em mais de um periódico com o objetivo de aumentar suas chances de um aceite ou publicação. Algo que equivale a criar uma verdadeira disputa (quase uma competição) entre os periódicos de sua área. E, infelizmente, não são infreqüentes os casos em que autores mobilizam um editor de seção e, pelo menos dois avaliadores, para, após o aceite, e já na fase de edição de layout, informar que desejam retirar a submissão dado que o artigo já foi publicado em outro periódico. Uma estratégia individualista e de usura, tanto pela mobilização do corpo editorial, quanto pela completa desconsideração para com outros autores (em última instância, seus pares), que tiveram suas submissões, pareceres e publicações atrasados. Isso sem mencionar que nem sempre tais autores informam sobre suas múltiplas submissões. Então perdem os autores e os periódicos, pois em sua origem, tal publicação nunca foi inédita, e ineditismo é critério para avaliação de periódicos. Assim, eles diminuem a avaliação dos periódicos dos quais “necessitam”.

As mesmas considerações são válidas para autores que simplesmente se utilizam da certificação da submissão e do aceite, e após isto, as abandonam. Episódio que só é detectado após a avaliação, quando os mesmos não respondem às solicitações de correções ou leituras de provas. Para além de tudo isso, ainda temos o famoso “publicacionismo”, que consiste em modificar a redação de um trabalho para publicar os mesmos dados e reflexões. Algo que pode gerar mais uma linha no Lattes, mas que em nada contribui ou agrega para a construção do saber científico, e que burocratiza um processo editorial que deveria se basear na emissão de pareceres, e não na detecção de plágios ou publicacionismos. Dessa maneira, uma relação (autor/periódico) que deveria se basear na confiança passa a ser respaldada pela desconfiança sistemática.

É preciso que deixemos claro que a função de um periódico científico é a difusão e a socialização do conhecimento, e não a criação de linhas em currículos. Currículos são o resultado de uma produção intelectual, e não o objetivo da mesma. Uma publicação é a consequência de uma pesquisa ou de uma reflexão crítica, e não uma obrigação ser feita para a obtenção de qualquer título ou promoção profissional, embora jamais deixe de ser um compromisso pautado pela ética da responsabilidade, que caracteriza (ou deveria caracterizar), qualquer cientista ou pesquisador.

Está no momento de nos questionarmos (cientistas, professores e editores): Estamos realmente refletindo acerca da qualidade de nossas pesquisas, dos alunos que formamos e dos artigos que publicamos? Produção científica é algo que se mensura apenas com números? Não estaríamos, desavisadamente, deixando que a Ciência se torne refém de apenas algarismos (indicadores arbitrados, no final das contas, por nosso próprios pares)? Chegamos ao paradoxo de Hamlet, onde a escolha está entre lutar ou resistir?

Se, aquilo que estamos fazendo é realmente Ciência, tais cifras serão apenas o reflexo de nossa produção. Não é nem sequer uma questão de impormos nossos critérios de validação. Eles já existem, e todos os conhecemos. Só precisamos praticá-los com mais firmeza. Devemos defender os nossos princípios ratificadores e não apenas quantidades, pois certamente em Ciência, ainda é possível Ética e Responsabilidade. Portanto, e encerrando com Hamlet, eu diria que a resposta seria lutar e resistir. Afinal, para os néofitos que estão começando em Ciência, e particularmente em Agroecologia, devemos sempre ensinar que não existem cientistas com certezas, apenas com dúvidas e perguntas. É para isso que pesquisamos, ensinamos e publicamos.

Feliz 2014 e boa leitura para todos.

Valéria Lemos  
Editora Gerente